

Formação discursiva e discurso em Michel Foucault

Discursive training and speech and Michel Foucault

Sara Dionizia Rodrigues de Azevedo¹

Resumo: O presente artigo discorrerá sobre os conceitos de formação discursiva e discursos nos textos *Arqueologia do saber* (1969) de Paul Michel Foucault *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento* (1966), no intuito de analisar a função que essas noções desempenham no interior de sua filosofia. Para Foucault os elementos históricos são fundamentais para compreender a constituição da formação discursiva e dos discursos na sociedade contemporânea. O ponto de partida de sua investigação é o conceito de episteme que, segundo ele, apresenta-se como paradigma comum aos diversos saberes. Segundo Foucault os diversos discursos estão fundamentados sem uma mesma estrutura e, por isso, compartilham as mesmas características gerais, chegando a quase anular suas diferenças específicas. Foucault concebe o conceito de episteme como um conjunto de enunciados ou de discursos baseados num certo instrumento conceitual que organiza a linguagem e o pensamento e lhes fornece o sentido de que as palavras correspondem às coisas. A partir da interpretação dos textos de Michel Foucault já citados, particularmente na obra *Arqueologia do Saber* (1969) e textos de comentadores dessa obra, desenvolveremos nosso trabalho sobre a formação discursiva e os discursos e sua relação com a história.

Palavras-chave: Formação Discursiva. Discursos. Arqueologia.

Abstract: This article will discuss the concepts of discourse and discursive formation in the text *Archaeology of Knowledge* (1969) Paul Michel Foucault and *Archaeology of Sciences and History of Systems of Thought* (1966), in order to examine the role that these notions play inside of his philosophy. For Foucault the historical elements are key to understanding the formation of discursive formation and discourse in contemporary society. The starting point of his research is the concept of episteme, which he presents as a common paradigm for diverse knowledge. According to Foucault the various speeches are grounded without the same structure and, therefore, share the same general characteristics, to nearly cancel their specific characteristics. Foucault conceives the concept of episteme as a set of statements or speeches based on a certain conceptual tool that organizes language and thought, and gives them the sense that the words correspond to things. From the interpretation of texts by Michel Foucault already mentioned, particularly in the work *Archaeology of Knowledge* (1969) and texts of commentators this work, we will develop our work on the discursive formation and speeches and their relationship to the story.

Keywords: Discursive Formation. Speeches. Archaeology.

* * *

¹ Graduanda em Filosofia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: sar.azevedo@hotmail.com

Introdução

Em sua obra *A Arqueologia do Saber* (1969) o filósofo Francês Paul Michel Foucault apresenta uma série de estudos que têm por objetivo estabelecer um método de investigação que nos proporciona construção para um novo pensamento. Todo o seu trabalho foi desenvolvido em uma arqueologia do saber filosófico, da experiência literária e da análise do discurso. Interpretando, a Arqueologia pode ser compreendida como um texto que pertence ao que denominamos de estudo científico das civilizações antigas, onde possa elaborar uma reflexão original que abre a possibilidade de pensar uma ciência em geral².

O uso da palavra arqueologia remete ao procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas dos discursos pronunciados sem, no entanto procurar depreender as estruturas universais presentes em qualquer conhecimento ou qualquer ação moral. O que está em pauta na análise foucaultiano dos discursos é a articulação acerca do que pensamos, dizemos e fazemos caracterizando determinado período, uma vês em que o acontecimento discursivo são acontecimentos históricos. O procedimento arqueológico caracteriza o domínio do “ser-saber”. Um saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada, é o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupam seus discursos. É também o campo dos enunciados em que os conceitos aparecem se define, se aplicam e se transformam. Sendo assim, esse domínio de define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso.

O filósofo usa saberes no sentido de possibilidade de conhecimento, instrumento de análise dos discursos, não se tratando apenas do conhecimento científico, mas a virtude o saber prático. Foucault nos oferece um saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. E é nesse sentido que para o filósofo o conhecimento e a verdade são questões históricas, são produções sistemáticas que manifestam também por meio de discursos científicos tidos por verdadeiros, positivos e, por isso, aceitos e tomados em toda sua positividade.

² Podemos conceber o desenvolvimento intelectual de Foucault da seguinte maneira: a primeira fase de seu trabalho foi denominada arqueologia, desenvolvida onde o sujeito será compreendido como algo produzido por diferentes tipos de saberes. Sendo nesta fase que minha pesquisa se insere. A segunda parte denominada genealogia, por relações de poder. E a terceira parte influenciada por Friedrich Nietzsche a ética por relações do sujeito consigo mesmo.

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, 1969, p. 159)

O que Foucault indica nessa importante passagem da Arqueologia do saber é como tradicionalmente ocorre a produção dos saberes científicos e dos discursos que justificam esses saberes. Em sua concepção os saberes científicos apresentam-se como válidos em si mesmo desprezando o importante papel que os discursos desempenham na construção das imagens e práticas desenvolvidas pelas ciências. Foucault se ocupou centralmente em analisar as gêneses e as transformações dos saberes no campo das ciências humanas, o ser-saber, cujo método é a arqueologia. Tendo grande influência de Nietzsche a arqueologia e a genealogia são métodos que Foucault tomou emprestado para desenvolver suas análises históricas³.

A intenção do arqueólogo é de investigar a regularidade dos enunciados e a descrição dos fatos os quais se encontram em seus arquivos. A preocupação em expor a formação discursiva revela que, segundo a análise foucaultiana, os discursos e saberes configuram históricos que devem ser expostos e compreendidos.

A proposta deste artigo tem como objetivo apresentar de forma teórica uma interpretação dos conceitos trabalhados por Foucault em suas pesquisas. Na medida em que percebemos a importância de compreender os conceitos funcionais da filosofia, e a abertura que a linguagem nos proporciona ao conhecimento, sendo também uma colaboração para estudos filosóficos acerca da filosofia de Foucault, especialmente, para aqueles estudos que investigam as regularidades do discurso e a análise das fases de formação discursivas compreendendo o percurso da filosofia de Foucault.

³ Referência da influência de Nietzsche. Veiga-Neto Foucault & a Educação/Alfredo Veiga Neto. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004 (Pensadores & Educação).

1. Compreendendo Foucault: história e linguagem

A filosofia de Foucault pode ser caracterizada por três fases: arqueológica, genealógica e ética. A fase arqueológica do saber inaugura sua ruptura com a tradição filosófica, uma tradição de dualidade entre linguagem e discurso. O saber representado pelas ciências do homem, e o poder pelas relações históricas. E a ética caracteriza-se por um sujeito que é produzido por diferentes tipos de saberes, por relações de poder e por relações do sujeito consigo mesmo. Tomando a nota feita antes Foucault foi um leitor de Nietzsche e seus trabalhos o influenciaram contribuindo para os avanços nas pesquisas tomado em consideração Foucault valorizou a literatura, precisamente a linguagem literária, como alternativa ao homem considerado a priori histórico dos saberes moderno. Tomemos relevância a afirmação de Alfredo.

Seja como for, o que me parece importante é averiguar se as ferramentas da arqueologia, da genealogia e das tecnologias do eu – que Foucault tomou emprestado de Nietzsche e desenvolveu em suas próprias pesquisas são de fato adequadas e úteis para aquilo que pretendemos fazer em nossas investigações e interrogações. (VEIGA NETO, 2004, p. 24)

É de suma importância compreender o surgimento do movimento intelectual francês ocorrido na segunda metade da década de 1960. Este movimento surgiu na conjuntura política, marcada pela conjunção entre filosofia e prática política, já como um campo transdisciplinar, atravessou fronteiras e movimentou o campo das ciências humanas, constituindo-se hoje em disciplina transversal caracterizando em movimento estrutural francês, que reúne pensadores de diversas áreas das ciências humanas, este estruturalismo como método de análise dos acontecimentos, esse método consiste em construir modelos explicativos de realidade. Foucault foi um dos mais influentes pensadores franceses contemporâneos, identificado inicialmente com o estruturalismo do qual sofreu a influencia, marcada naquela época.

O estruturalismo é uma construção teórica que fundamentou uma das correntes filosóficas que animaram a segunda metade do século XX, compreendida como estudos organizacionais e decisivos este estruturalismo não nega as condicionantes históricas. Há métodos estruturados na forma de linguagem, estruturas discursivas, mitos modernos e literatura. Estrutura fundamental como conceito e metodológico.

Pode-se considerar o estruturalismo como uma das principais correntes do pensamento, sobretudo nas ciências humanas, no século XX. O método estruturalista de investigação científica foi estabelecido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857–1913), que afirma ver na linguagem “a predominância do sistema sobre os elementos, visando extrair a estrutura do sistema através da análise das relações entre os elementos”. (JAPIASSÚ, 1934, p. 96)

O ponto de partida da linguística de caráter estruturalista é a ideia de que a linguagem não pode ser limitada às relações entre as palavras e as coisas, o estruturalismo como método de conhecimento científico permanece limitado em suas aplicações e parcial a um tratamento do homem como ser social. Este movimento permitiu pensar e expor reflexões sobre a linguagem. Essa relação se dá no campo da linguística, estudo das estruturas da linguagem como sistema dotado de princípios internos e transformação, das relações entre a linguagem e os outros sistemas de signos e símbolos ou outros sistema de comunicação.

Em Foucault a linguagem torna-se um conceito filosófico importante na medida em que, a partir do pensamento moderno, passa a considerá-la como elemento estruturador da relação do homem com o real, radicaliza o estruturalismo ao historicizar a ilusão contida na ideia de que o homem é o sujeito de sua própria história, o autor se desloca das epistemes⁴ para as práticas discursivas.

A análise histórica esta acompanhada de um método que podemos chamar de estrutural. Ou seja, os registros, documentos são trabalhados dentro de uma perspectiva que concebe a história como uma coleção de fatos que vão constituindo a "identidade" das sociedades e seus indivíduos. Em outros termos, não se trata apenas de uma história, mas de certa interpretação dos registros e fatos históricos para constituir um esboço de nossas instituições e, por consequência, de nós mesmos. Talvez a história que Foucault faz é na intenção de dar condição de possibilidades de conhecimento.

Foucault discorre pormenorizadamente sobre as noções de história continua e descontínua e ao ler sobre a história necessitamos de uma interpretação, pois o filósofo faz filosofia investigando a história, considerando seu duplo papel: indispensável para a análise (a priori histórico) dos discursos e como material produzido pelas relações entre saber e poder.

⁴O termo grego episteme, que significa ciência, por oposição a doxa (opinião) e a techné (arte, habilidade), foi reintroduzido na linguagem filosófica por Michel Foucault com um sentido novo, para designar o “espaço” historicamente situado onde se reparte o conjunto de enunciados que se referem a territórios empíricos constituindo o objeto de um conhecimento positivo (não científico). Fazer a arqueologia dessa episteme é descobrir as regras de organização mantidas por tais enunciados.(JAPIASSÚ, 1934, p. 87).

O processo histórico pensado por Foucault instiga de maneira geral os tipos de mentalidades do século XIX, a transformação, e a revolução nada mais é do que uma tomada de consciência. A história das continuidades história tradicional a história contínua é aquela que constitui o projeto de uma história global, contínuo de sua evolução e de significação.

Para Foucault, a história é essencialmente descontínua. De fato, foi a noção de descontinuidade que mudou o estatuto. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história “a história das relações que o pensamento mantém com a verdade”. Uma importante dimensão do pensamento do filósofo é a reflexão sobre a representação, o discurso e o conhecimento estão envolvidos com práticas sociais. A descontinuidade era esse estigma da dispersão temporal que o historiador tinha o encargo de suprir da história. Assim cabe a explicação da história descontínua e da história contínua.

O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina ser interpretação ou escuta de um já dito que seria, ao mesmo tempo um não-dito. (FOUCAULT, 1969, p. 28).

Disso se compreende os momentos e as práticas desenvolvidas das regras de sua ação e dos sistemas de seus discursos míticos. Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que o garantem “dizer alguma coisa” e se relacionar com outros objetos; o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. Esse aparecimento dos longos períodos da história de hoje não é um retorno às filosofias da história, as grandes era do mundo, sendo interpretada por uma elaboração metodologicamente organizada.

O conceito de História tomado por Foucault se distingue fundamentalmente da concepção tradicional atribuída a esta disciplina. Ou seja, a História convencional, segundo ele, se caracteriza por narrar e não interpretar os fatos notáveis ocorridos numa dada sociedade, por via da sucessão contínua de eventos e ações, determinando assim a origem, o aperfeiçoamento e o progresso dos acontecimentos.

Quando Foucault ressignifica o termo História, ela o faz como uma tentativa de ultrapassar esses preceitos habituais da História clássica. É no método arqueológico que podemos encontrar uma maneira de

abandonar a ideia de causalidade atribuída à História tradicional e estabelecer o terreno para se pensar a História numa perspectiva crítica, admitindo suas rupturas, transformações e descontinuidades. (GUIMARÃES, 2012, p. 10)

A história que o arqueólogo traça é a revelação de como as instituições e seus processos econômicos e sociais dão lugar a tipos definidos de discursos. A análise enunciativa assemelha-se, desta forma, a uma análise histórica. “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...)” (FOUCAULT, 1960, p. 135-136).

A filosofia moderna é um avanço em relação à gramática geral para autores contemporâneos que desenvolvem suas pesquisas em torno da compreensão linguística. A função da linguagem seria, pois, a de representar “refletir” seu pensamento, seu conhecimento de mundo, o ser humano para essa concepção representa para si o mundo por meio da linguagem, num determinado espaço, momento é como um espelho no mundo constitui e é constituído pelo sujeito de linguagem que produz sentidos, no qual o ser humano encontra diferenças, criando funcionalidades. Em cada época a linguagem tem um objeto singular, com conceitos e métodos específicos, porque funciona a partir de regras discursivas determinadas.

O modo filosófico foucaultiano passa por uma metodologia que busca em sua investigação uma ligação entre filosofia e história, pois nesse motivo para compreender o trajeto teórico de Foucault é necessário uma análise histórica. É um método filosófico pautado na investigação histórica.

É bom lembrar que Foucault não se pretendeu historiador, embora poucos tenham demonstrado um sentido histórico tão forte quanto ele. Afinal, muito antes do sucesso da “história cultural”, o filósofo insistia na ideia nietzschiana de que “tudo é histórico”, e, portanto de que nada do que é humano deve escapar ao campo de visão e de expressão do historiador. (RAGO, 1995, p. 3).

Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que o garantem “dizer alguma coisa” e se relacionar com outros objetos; o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. Esse aparecimento dos

longos períodos da história de hoje não é um retorno às filosofias da história, as grandes era do mundo, sendo interpretada por uma elaboração metodologicamente organizada.

2. Conceituando formação discursiva e discursos

A noção de formação discursiva é estabelecida, segundo Foucault, a partir das seguintes regularidades presentes na obra arqueologia: ordem, correlação, funcionamento e transformação, regida por um conjunto de regularidades que determinam sua homogeneidade e seu fechamento. A formação discursiva apresenta-se como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Essa noção, presente na obra de Foucault, é derivada do paradigma marxista formação social, formação ideológica, e a partir daí, formação discursiva. Haja vista, que o que foi definido como “formação discursiva” esconde o plano geral das coisas ditas no nível específico dos enunciados.

A análise das formações discursivas e de seu sistema de positividade em relação ao elemento do saber concerne somente a certas determinações dos acontecimentos discursivos. Segundo Foucault (1969, p.135) “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Pode-se então agora, dar sentido a definição do “discurso”.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva. Visto que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, 1969, p. 135)

Na acepção tradicional, o discurso não é uma simples sequencia de palavras, mas um modo de pensamento que se opõe à intuição.

O discurso é uma rede de enunciados ou de relações que tornam possível haver significantes. A palavra discurso tem em si a ideia de percurso de movimento, o objeto da análise do discurso é estudar a língua em função de sentido. Cada sociedade tem seus

propósitos culturalmente estabelecidos na ordem de diferentes discursos sempre serão políticos.

As instituições introjetam as regras de controle de forma a consolidar as leis gerais, como por exemplo, a instituição escolar: permite uma melhor economia no tempo de aprendizagem dos regulamentos sociais, faz funcionar o espaço pedagógico como uma fábrica de ensinamentos, mas ao mesmo tempo é eficiente em vigiar, hierarquizar, recompensar, punir e certificar, independente de o indivíduo ter atingido os comportamentos esperados. Ainda, a igreja espaço doutrinário religioso e também enquanto instituição encontra crise de existência individual. A solução do problema é visualizada na força suprema, nas divindades e crenças.

A noção de Discurso é empregada como:

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1960, p. 43).

Dessa forma retoma o discurso praticado em função das condições estabelecidas entre instituições.

O discurso é uma prática que relaciona a língua com “outras práticas” no campo social. Ou seja, as práticas discursivas se caracterizam de algum modo como elo entre discurso e prática. Significa afirmar que este conceito reúne elementos tanto da fabricação e ajuste dos discursos - compostos por uma unidade de enunciados - quanto da aplicação e produção destes, nas instituições e nas relações sociais, definindo assim um saber, além de determinar funções e formas de comportamento numa época. Um modo de pensamento que se opõe à intuição.

[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

O conceito de discurso, compreendendo um conjunto de enunciados que ocorrem como performance verbal em função enunciativa, é apresentado considerando a ideia de práticas discursivas. Assim, amparado por esse modo de analisar os enunciados, considerando-os instáveis, reconhece-os como objeto de luta, regulados por uma ordem do dizível, definida no interior de lutas políticas.

Deste modo considerando as palavras de Lecourt, discorremos sobre tal conceito.

As relações discursivas não são internas ao discurso, não são ligações que existem entre os conceitos e as palavras, frases ou proposições; mas também não lhe são igualmente externas, não são «circunstâncias» exteriores que fariam pressão sobre o discurso; pelo contrário, elas determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder discorrer sobre certos objetos, para poder trabalhar, nomear, analisar, classificar, explicar, etc.(LECOURT,1980, p. 91)

Essas relações que ligam a fala, o discurso com o que referimos a algo, objeto ou material, contextual e cotidiano.

Analisando os próprios discursos, nota-se o desfazer dos laços fortemente ligados entre as palavras e as coisas, o que implica esse desfazer é o confronto entre a realidade e a língua como práticas que formam o objeto de quem fala, de modo que relaciona a pronúncia com o objeto, significação e aos valores de verdade destacando um conjunto de regras próprias da prática e das formas de organização. Nascemos em um mundo que já é de linguagem e que os discursos já estão em prática na sociedade, e nós tornamos sujeitos derivados desses discursos, e que em casos pessoais entender uma linguagem implica entender uma nova maneira o próprio conhecimento.

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e o ato de quem fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1960, p. 56)

Pode parecer confuso, mas há distinção de grandes tipos de discurso ou formas que opõem um às outras, na ciência, literatura, filosofia, religião, história entre outros, ou seja, talvez de termos linguísticos tratados no âmbito colocado, portanto, dependeria o chamado discurso das práticas, que significa a fala segundo determinadas regras; contudo suas pesquisas são permeadas de uma definição inovadora de discurso, uma vez em que o passar dos anos houve transformações e reproduções que predominam atualmente os significados das palavras pronunciadas e os modos de articularem em seu meio.

Ao invés de trabalhar com as unidades tradicionais de teoria, ideologia ou ciência, preferiu designar como discurso, conjunto de enunciados que podem ser associados a um mesmo sistema de regras. O que para o autor interpreta por prática discursiva.

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969, p.136)

Compreende o discurso como um conjunto de enunciados na medida em que eles provêm da mesma formação discursiva. Entre vários estudos acerca de temas que envolvem a linguística os termos de formação discursiva e discursos, temos que ressaltar alguns comentadores que contribuem para a discussão, em outra visão que complementa e auxilia para compreensão. Trata-se de compreender as regras que permitem que algo apareça como objeto do discurso, analisando as regras torna-se possível a existência de enunciações diversas na constituição de um discurso. Tal como um comentador interpreta.

Para Foucault essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, nem as circunstâncias em que esse discurso se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática. A partir dessas relações é que se institui a noção de regra e regularidade discursivas. (BOAS, 1993, p. 63)

A linguagem revela uma característica importante dos discursos. De fato o é, pois sendo a linguagem atividade própria do homem, é um tipo de poder que o ser humano tem de se comunicar, trocar experiências, estabelecer vínculos sociais, recorrendo aos saberes e crenças que articulam na sociedade, levando em conta o cenário do discurso, ou seja, raciocinar discernir. Refere-se à materialidade objetiva que o sujeito está submetido, no sentido da produção intelectual do momento. O conceito de discurso, tal como desenvolvido nas abordagens contemporâneas de análise social e política, tem as suas origens nas recentes reformulações que se deram no interior do estruturalismo para uma perspectiva que analistas chamam de pós-estruturalismo. A perspectiva comum destas revisões tem sido basicamente questionar a noção da linguagem como uma totalidade fechada, que foi destaque do estruturalismo clássico. A teoria estruturalista relaciona com um discurso de alienação, valorização da ciência, tendo vários pensadores que muito se dedicaram e destacaram por colocar-se em oposição, deixando-nos heranças em relação ao estudo do discurso.

No campo complexo de leituras que temos e nas informações adquiridas, percebo que há mais uma interpretação necessária a fazer. Refere-se à concepção

ideológica que é trabalhado também em arqueologia do saber esse termo ideologia é desenvolvido de maneira diferente em Foucault, para ele ideologia é um saber, não há dicotomia entre ciência e ideologia. “a ideologia não exclui a cientificidade” (FOUCAULT, 1960, p. 210). Afastando-se desse termo, Foucault, favorece as questões como forma histórica. Sua filosofia diz que todo e qualquer discurso está impregnado de poder, e, portanto, estabelece a relação de opressão, já que esta é produto da outra.

A questão da ideologia concebida em Karl Marx é em um sentido crítico, para o marxismo o motor da história é a luta de classes, uma revolução, que promoveria uma ruptura na estrutura da sociedade, cujo, o resultado seria o desaparecimento da classe dominante enquanto tal. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideológica das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de pensamentos, por conseguinte os pensamentos de sua dominação. É diretamente entrelaçada com a atividade material e com as relações do homem. Foucault, por sua vez, contesta essa concepção de história como continuidade, discorda da ideia de ruptura. Ao invés de ideologia ele trabalha como a constituição de saberes/poderes. O filósofo pretende destacar que sua investigação, além do uso da metodologia, manifesta-se também como prática que procura diferenciar-se das tradicionais análises do pensamento.

Considerando que ao percorrermos o trajeto histórico para compreender a historicidade presente na compreensão da obra, a linguagem em geral, e discorreremos sobre termos importantes ao longo da pesquisa, chegamos a um ponto em que após analisar toda teoria presente nas obras e pesquisas teóricas podemos dissertar sobre o que foi compreendido a respeito do tema do artigo.

O Tema dessa pesquisa direciona nossa interpretação a cerca de produções de conhecimento, são conceitos chaves para compreender a estrutura arqueológica e teórica. Discursos trabalhados por Foucault em sua obra refletem o funcionamento da sociedade, como o discurso das epistemes, a descrição dessas epistemes permite compreender a existência de outras ciências saindo do seu conhecimento comum que, no entanto parecia ser o limite de um tipo de raciocínio de uma época, assim o discurso passa por uma visão de mundo a todos os conhecimentos e impõe em um determinado momento, em uma época o modo transformador que gera também em torno de produção subjetiva, centrando o homem como produção de sujeito no mundo exterior com práticas discursivas, promovendo a construção de saberes envolvendo pluralidade de discursos. Falar de Sujeito implica investigações a cerca de varias relações em que eles estão posicionados, mais que não será investigado aqui por foco de pesquisa, mas que

pode ser desenvolvida em outra oportunidade. Formações discursivas são enunciados limitados para que possamos definir as condições de existência não deixa de ser discursos mais tal como prática, assim reconhecendo o modo de analisar os enunciados, reconhece-os como objeto de partida. Entendida como princípio regulador.

Na perspectiva de realizar essa pesquisa pretendi levantar esse esboço, desenvolvido em cima de leituras e dados bibliográficos, pensando no mundo contemporâneo que para estudantes de filosofia é necessário compreender a estrutura linguística que envolve o modo de pensar de um filósofo, e para uma proposta de trabalho acadêmico o trabalho se destina a interpretar o que foi dito, raciocinar e provocar curiosidade, pois essa atividade nos possibilita ao conhecimento, pela curiosidade é que desenvolvemos teorias acerca de determinados temas considerando a reflexão que o autor fez condicionando sua época vivida e suas influências para que assim compreendamos o período moderno.

Considerações finais

A intenção foi realmente mostrar o que os conceitos formação discursiva enquanto saber é a possibilidade de uso e apropriação de um discurso por quem possui ou adquire a competência para produzir enunciados e discursos para Foucault, e para alguns filósofos que também analisaram esses termos, compreendendo a interioridade dos fatos, Foucault cria uma história de diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos, efeitos da linguagem. E para entender o Sujeito como indivíduo social, é necessário percorrer em seu trajeto histórico a atividade “arqueológica”.

O exercício de entender a fala, o lugar que se fala e a estrutura que se tem é o propósito desenvolvido da arqueologia, pois em uma determinada época não havia conhecimento de modernidade sujeito – objeto o que existia e o que era praticado era a repetição das coisas entre si sem ordem e sentido de tudo que se repetiam. Esse impacto do pensamento de Foucault gerou a fundamentação do sujeito de mudança e diferenças dos objetos, quando falamos de mudanças, englobamos todos os aspectos que foram possíveis mudar, tais como método de acesso ao conhecimento, possibilitando uma nova forma de pensar. Caracteriza-se por temas da vida, do trabalho e da linguagem, e analisa a mudança dos saberes da época clássica para a época moderna, se destaca por essa linha de estudo.

O filósofo coloca a linguagem em movimento pelos discursos, pois só vão existir a partir do momento em que foram constituídos por uma prática inserida na sociedade. O que se pode concluir que o sujeito é uma posição discursiva, uma função dos discursos. Foram esses contextos analisados em sua obra *Arqueologia do Saber*, nessa forma de organização. A obra *arqueologia do Saber* possibilita ao leitor uma interpretação completa dos diferentes modos de compreender uma ciência, e o nascimento de diversas intuições dos saberes, pensada para dominação dos indivíduos.

A noção de discurso nos condiciona a produções, e formação discursiva é uma prática em produção de sentidos, ambos os conceitos são desenvolvidos juntamente, mas trabalhados de maneiras distintas que no final a compreensão seja clara. A formação discursiva é uma prática determinada de ações subjetivas e objetivamente implicando possibilidades novas de se conhecer a estrutura humana em seus aspectos gerais na ciência. Enfim que tudo caminhe em uma direção pela qual nos próprios devemos ter consciência do mundo real que estamos vivendo, e refletir sobre que rumo direciona cada escolha. Refiro-me as transformações sociais e humanas, a ruptura do senso comum com as ciências, e não as repetições das coisas como se elas andassem sozinhas, mais como seres humanos que as movimenta juntamente com o passar dos anos, que cada época transforme-se, de modo que a linguagem seja uma técnica e prática para o indivíduo se socializar.

Para compreender os termos principais desse artigo, tivemos que desenvolver um plano geral em torno de várias condições teóricas que nos sustentaram no discurso, condicionando aos saberes construídos que nossa investigação desenvolveu que foi discorrer sobre o pensamento de Michel Foucault. Filósofo contemporâneo que com seus escritos deixou contribui para novas pesquisas.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BOAS, C. T. V. *Para ler Michel Foucault*. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1993.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo*. São Paulo: EDUSC, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- HAROCHE, C; PÊCHEUX, M; HENRY, P. *Saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 1Ed. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.
- JAPIASSÚ, H. *Dicionário de Filosofia/ Hilton*. 5 d. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1934.

- LECOURT, Dominique. Para uma crítica epistemológica. Lisboa. Assírio & Alvim Editores, 1980.
- MOTTA, M. B. *Arqueologia das Ciências e Histórias dos Sistemas de Pensamento/ organização e seleção de textos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- MURICY, K. *O que nos faz pensar*. Cadernos do Departamento de Filosofia. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.
- PÊCHEUX, M. *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*. Paris: RevueLangages, 1971.
- _____. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.
- RAGO, M. *The effect-Foucault in Brazilian historiography*. Tempo Social; Rev. Sociol. São Paulo, v. 7, n.1, p. 67-82, October. 1995.
- VEIGA-NETO, A. *Pensadores e educadores*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- WESTON, A. *A Arte de Argumentar*. Edições Gradiva, Lisboa, 1996, p. 13-14.
- Disponível em: <http://ideias-em-movimento.blogs.sapo.pt/5715.html>.